

## ALÉM DAS PALAVRAS E DO DISCURSO: QUESTÕES METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DO ANTISSEMITISMO INTEGRALISTA\*

Por João Fábio Bertonha\*\*



**Resumo:** A questão do antissemitismo sempre foi das mais polêmicas e, dentro da historiografia do integralismo, ainda mais, com posições e opiniões divergentes surgindo a todo instante. Esse artigo aborda a questão do antissemitismo dentro movimento integralista, procurando apresentar os principais participantes desse debate e discutindo seus argumentos e opiniões. O texto foca, especialmente, nos problemas teóricos e metodológicos que dificultam o estabelecimento de um consenso mínimo em torno da questão e o problema das fontes que sustentam esse debate.  
**Palavras chave:** integralismo, antissemitismo, metodologia.

**Abstract:** The issue of anti-Semitism has always been the most controversial and, within the historiography of fundamentalism, even more, with positions and differing opinions emerging all the time. This paper addresses the issue of anti-Semitism within fundamentalist movement, seeking to present the main participants in this debate and discussing their arguments and opinions. The text focuses especially on the theoretical and methodological problems that hinder the establishment of a minimum consensus on the issue and the problem of the sources that sustain this debate.  
**Keywords:** fundamentalism, anti-Semitism, methodology.

Poucas questões são tão polêmicas quanto a do preconceito e do ódio aos judeus e do Holocausto. Como não podia deixar de ser, dado que uma das facetas do integralismo é indubitavelmente hostil aos judeus, o tema do antissemitismo tem sido uma constante na produção histórica sobre o movimento. E, o que é mais importante, com posições conflitantes, de difícil conciliação e cheias de pontos em aberto.

O eixo central neste debate é, com certeza, Gustavo Barroso. Creio haver pouca dúvida de que Barroso foi antissemita e que pode ser considerado, senão o maior, ao menos um dos mais importantes ideólogos do antissemitismo no Brasil. Não obrigatoriamente pela originalidade do seu pensamento (já que, em geral, ele apenas reproduzia e reelaborava “clássicos” do antissemitismo europeu), mas pela sua capacidade em difundir o ideal antissemita dentro do Brasil e mesmo fora do país, como indicam seus inúmeros artigos reproduzidos em jornais do Cone Sul, do Canadá, da Europa, etc.

A discussão começa quando se tenta compreender a gênese do antissemitismo de Barroso. Uma corrente, representada por Tucci Carneiro (1988 e 1993), tende a ver nele um antissemitismo de caráter moderno, não copiado do nazismo, mas por este influenciado e potencialmente genocida. Ela reconhece que o foco do antissemitismo de Barroso é contra o judeu conspirador, símbolo do mal, e não obrigatoriamente contra a raça judaica, mas deixa entender que ele estava mais próximo do modelo nazista do que do católico, medieval. Na mesma linha, autores como Carlos Nóbrega de Jesus (2006, p. 103-112 e 2010) afirmam que este Barroso defenderia um antissemitismo racista, de ódio ao povo judaico tanto pela sua capacidade de dominação mundial como pela sua raça.

Já outra corrente, de autores como Rago Filho (1989), tende a dissociar o antissemitismo de Barroso do racismo nazista. Segundo esta ideia, o judeu odiado por Barroso era um judeu simbólico, que representava o mal do mundo moderno. O alvo do ódio, pois, não era necessariamente a raça judaica, mas todos aqueles que seguissem o "espírito judaico", ou seja, materialista, anticristão, etc. Também dentro desse inimigo a ser combatido, estariam as organizações secretas (como a Maçonaria) fundamentadas no “espírito judaico” e todas as ideologias que dele derivariam, como o iluminismo, o liberalismo, o protestantismo, a democracia, o capitalismo, o socialismo, o caos e a anarquia. Uma perspectiva centralmente de viés católico tradicionalista contra o mundo moderno, em resumo.

Para essa corrente, Barroso podia até entender e aprovar algumas ações contra a raça judaica adotadas pelo nazismo, mas não medidas como o confinamento dos judeus em guetos ou a sua eliminação física. O mal judeu seria combatido pelo crescimento do espiritualismo e não pela extermínio da raça judaica.

Assim, o antissemitismo se encaixaria na visão maior de Barroso, caracterizada pelo culto às tradições, a autoridade, o nacionalismo e por um tradicionalismo de fundo católico. Ou seja, o antissemitismo barrosiano seria, para Rago Filho, expressão do seu anticapitalismo romântico, sendo o nó que daria sentido à sua concepção de mundo e não elemento central dessa.

Marcos Chor Maio (1992 e 1996) e Roney Cytrynowicz (1992) também estão próximos dessa corrente, ainda que identifiquem, no antissemitismo de Barroso, uma mescla do tradicional, católico com o moderno, totalitário. Eles também propõem que o antissemitismo, dentro da AIB e em Barroso, era, acima de tudo, um instrumento de luta pela liderança do movimento; algo discursivo, mas longe das reais preocupações do movimento e do próprio Barroso. Retomarei esse ponto logo a seguir.

Outro texto que merece destaque dentro desse tópico é de Natália dos Reis Cruz (2004, p. 147-221), no qual se afirma que Barroso se aproximaria do ideário antissemita nazista e defenderia a eliminação dos judeus.

Natália, inicialmente, reconhece que o tema do antissemitismo dentro do integralismo é cheio de nuances, podendo ser considerado, até, o menos consensual dentro de suas fileiras. Ela, contudo, rejeita a ideia de que haveria realmente uma ala menos radical no movimento. Assim, quando Reale e Salgado, por exemplo, rejeitavam o antissemitismo, o faziam para não deixar explícita a intolerância do movimento, para que não pudessem ser colocados fora do âmbito cristão e para terem armas na sua disputa de poder com Barroso. Para ela, o integralismo tinha duas preocupações centrais com os judeus: eles eram quistos ameaçando a homogeneidade racial da Nação e também conspiradores mundiais. Uma ala da AIB enfatizaria a primeira e outra, a segunda.

No primeiro grupo, estariam Miguel Reale e Plínio Salgado, que compartilhavam reflexões comuns nas elites governantes da época, preocupadas com a formação da identidade nacional e os "imigrantes bons" para o Brasil. Eles queriam que o sangue judeu inassimilável e perigoso fosse lavado pelo europeu, formando uma sociedade branca una. Assim, para ela, nestes autores também haveria racismo, antissemitismo e intolerância, ainda que disfarçados pelo discurso.

Na ala liderada por Barroso, o judeu seria visto como o símbolo do mal, um perigo conspiratório e responsável por todas as desgraças modernas. Ela sugere que ele se aproximaria do ideário antissemita nazista e defenderia a eliminação física dos judeus. Negando a perspectiva de Chor Maio, ela afirma que a perspectiva do antissemitismo de Barroso era racista, biológica. Na sua visão, assim, não haveria tanto diferença assim entre esse, Salgado ou Reale. O primeiro seria antissemita e racista de forma explícita, enquanto os outros seriam apenas mais discretos.

Ela também dialoga com Cytrynowicz, recusando a sua ideia de que Barroso queria excluir os judeus da comunidade nacional, enquanto Plínio Salgado proporia que eles fossem integrados a esta. Para ela, mesmo na perspectiva de Salgado o integralismo acabaria chegando a uma atitude exterminadora, já que os judeus, na visão do movimento, não queriam ser integrados.

A tese de Natália é questionável, pois, ao mesmo tempo em que admite a diferença de posicionamentos a respeito do antissemitismo dentro do integralismo, releva todas a partir de um pressuposto teórico, ou seja, o de que os integralistas estavam sempre procurando esconder suas reais intenções e que essas eram antissemitas e caminhavam na direção de medidas contra os judeus em si e, no limite, do Holocausto.

Claro que as afirmações e publicações dos integralistas têm que ser avaliadas com cuidado e que, muitas vezes, o discurso deles não refletia de forma alguma o que eles pensavam ou tencionavam fazer quando no poder. Mas a visão de Natália Cruz é exagerada, como se tudo o escrito e pensado pelo movimento e seus líderes fosse discurso vazio. Além disso, se as fontes disponíveis não refletem a realidade, se torna metodologicamente impossível descobrir o que eles realmente queriam, o que abre espaço para que coloquemos toda e qualquer intenção que desejemos neles.

Num balanço dessa bibliografia e examinando os textos publicados pelo intelectual cearense, fica claro como, na obra de Barroso, o tom era, claro, ferozmente antissemita, mas não na direção da raça judaica, com ideias de segregação ou eliminação. O que existe é uma identificação do judaísmo com o capitalismo financeiro internacional, ao comunismo e ao materialismo em geral. Ele até menciona com clareza

(Barroso, 1936a, p. 120-133) que o judaísmo a ser combatido era o espírito materialista judeu destruidor de povos e não a raça ou a religião judaicas.

O tom da sua obra, porém, é tão antissemita que a perspectiva do seu ódio atingir os judeus enquanto povo é mais do que provável, se as condições o permitissem. Ele chamava os judeus de “lixo humano” (Coutinho, 2001, p. 574) e, nos seus livros e artigos, termos como “liberalismo peçonhento e comunismo judaico”, “piolheira judaica e comunista” ou “parasitismo judaico” (Barroso, 1935a, p. 37, 58 e 60) são comuns.

Do mesmo modo, quando ele criticou, com uma virulência intensa, José Américo de Almeida e Armando de Sales Oliveira, candidatos potenciais às eleições presidenciais de 1938, os identificou como lacaios do judaísmo, de espírito materialista judeu, apoiados pela colônia judaica e que destilavam “fedor judaicus” (1937a, p. 141). Ali, fica clara a sua associação do judaísmo como sinônimo de liberalismo, comunismo e maçonaria, mas que esse ódio, potencialmente, podia se voltar contra a raça ou o povo judeu.

Tudo isso, claro, facilitava o seu diálogo com os nazistas, por exemplo, e não é a toa que Berlim o visse com simpatia, convidando-o inclusive para eventos na própria Alemanha. Mas diálogo e simpatia não significavam, automaticamente, igualdade de pensamentos e, ao examinar a sua obra, os sinais maiores são de que a corrente de Rago Filho ou Chor Maio esteja mais próxima da realidade, ainda que o ódio contra os judeus propriamente dito não estivesse ausente.

Uma prova de que algo do antissemitismo de Barroso também era dirigido ao povo judeu em si está nos próprios regulamentos da Milícia integralista, comandada, como se sabe, por ele. No Estado Maior da mesma, havia uma seção encarregada de espionar os “inimigos” e, ao lado de comunistas, maçons e liberais, havia um departamento próprio para os judeus. O regulamento era claro ao exigir vigilância contínua sobre os judeus, os membros da comunidade judaica, e não sobre um “judeu etéreo”, indefinido:

“Quanto aos judeus, convém organizar um fichário completo dos mesmos. É importante, na ficha do judeu, conseguir, sendo possível, qual o ramo do seu negócio, o valor provável do seu negócio, actividades financeiras do indivíduo comparando-as com as suas possibilidades de fortuna, etc. Desde que, em relação ao judeu, se conclua que o

mesmo leva vida de fausto, é necessário assinalar sua ficha de modo especial e procurar saber de onde vem o dinheiro”

O maior problema, na verdade, ao estudarmos o antissemitismo de Barroso é avaliar, como já indicado acima, o que estava por trás do seu pensamento e das suas palavras. É sempre possível levantar a hipótese de que o seu cuidado em não defender o extermínio ou a segregação dos judeus fosse apenas um disfarce, a ser abandonado no caso de condições favoráveis, como a vitória mundial da Alemanha.

Os próprios nazistas, na verdade, não pensavam no extermínio do povo judaico antes do início da Segunda Guerra e realizaram o Holocausto sobre um manto de relativa discrição. Seria difícil encontrar publicações defendendo abertamente o Holocausto completo do povo judeu na própria Alemanha dos anos 30. Pessoas como Julius Streicher já se aproximavam do desejo de extermínio físico dos judeus e expressavam isso, mas o regime, como um todo, procurava ser cuidadoso nas suas intenções e, especialmente, na sua publicização. Não espantaria, assim, que Barroso tivesse sido cuidadoso com suas palavras, mesmo tendo um ódio homicida por trás.

Ele escreveu o que realmente pensava e era um antissemita mais católico do que nazista, odiando mais o “judaísmo” do que os judeus, ou um genocida em potencial, cem por cento nazista, a espera do momento certo para o extermínio dos judeus brasileiros? Se a História fosse uma ciência exata, um laboratório em condições controladas permitiria que investigássemos as várias variáveis, mas isso é impossível.

Do mesmo modo, as suas disputas pelo poder com Plínio Salgado (a serem vistas a seguir) e o desaparecimento do tema do judaísmo da sua obra pós-1938 podem ser interpretadas de forma diferente. Ele teria abandonado o tema porque o seu antissemitismo era apenas instrumental e não haveria mais necessidade de mobilizar esse tema para a disputa de poder com Salgado ou porque não havia mais condições práticas para seu desejo de eliminar os judeus e, portanto, ele preferiu o silêncio? Nunca saberemos, salvo se nova documentação dele for encontrada.

Enfim, o debate em torno do antissemitismo de Barroso se trava muito no campo das ideias e da leitura textual de seus livros. Como ele nunca pôde colocar em prática suas ideias, numa posição de poder, fica difícil saber o que ele faria ou deixaria de fazer com os judeus brasileiros. Do mesmo modo, suas intenções práticas mudariam,

provavelmente, conforme o contexto nacional e mundial. Assim, qualquer análise do antissemitismo de Barroso há de ser, inevitavelmente, parcial, pois está mais no plano das ideias do que da prática.

Em boa medida, o mesmo pode ser dito a respeito do estudo do antissemitismo presente nos outros líderes integralistas. Há certo consenso de que Salgado e Reale tinham traços antissemitas muito menos pronunciados do que em Barroso. Ambos identificavam, nos judeus, símbolos de problemas maiores (como o materialismo ou o capitalismo internacional) e os traços de ódio à raça judaica são limitados e explicáveis pelo contexto e pela retórica.

Salgado, por exemplo, acreditava que o problema judaico seria resolvido pela assimilação dos judeus e a derrota do materialismo pelo espiritualismo. Ele também fez esforços para acalmar a comunidade judaica, controlou os excessos de Barroso (Tucci Carneiro, 1988, p. 353-354) e, em vários artigos e trechos de livros, ele foi explícito na sua denúncia do antissemitismo.

Muitas vezes, claro, ele falava de “ouro judaico” ou de “Rússia judaica” e, no seu livro “O Estrangeiro”, surgem referências ao judeu como tendo “garras de vampiro e olhar vulturino” (1926, p. 120). Em conferências, ele também atacava os judeus como agiotas desde a época dos faraós (Goés, 1983, p. 91-92). Mas são, a meu ver, detalhes retóricos para consumo interno e externo e menos importantes do que parecem.

Ele, igualmente, não tinha pudores em permitir a continuidade da campanha antissemita de tantos jornais e militantes integralistas se isso representasse vantagens para ele e para o movimento. Também não via problemas em incluir tons antissemitas explícitos aos seus discursos se identificasse que a plateia podia ser receptiva a eles, como fez em palestras em Blumenau (Klein, 2004, p. 35).

O mesmo pode ser dito de Miguel Reale. Em vários dos seus livros e nas suas memórias, ele recusou a ideia do judeu como problema racial e o antissemitismo como combate à raça judaica (1935a; 1986, p. 63 e 93-99). Termos e expressões de cunho antissemita - como quando ele elogiou Hitler por eliminar o “núcleo comunista-judeu” que ameaçava a Alemanha (Reale, 1935, p. 102) - surgem aqui e ali (Tucci Carneiro, 1988, p. 379-381), mas me parecem mais forma do que de substância.

Mesmo autores menores do integralismo podem ser vistos, ou não, como antissemitas. Arci Tenório d'Albuquerque, por exemplo, era muito simpático ao nazismo e sua obra tinha tons antissemitas extremamente fortes, mas ele mesmo afirmava que o Brasil era uma raça em formação e que não era possível, pois, ser contra a raça judaica (1937). Martino Filho (1935, p. 104-107) também se manifestou contra o antissemitismo e Venceslau Jr (1935, p. 139-146) era explícito na sua defesa do combate ao temperamento e ao espírito judeus, mas não aos judeus em si. Para ele, o integralismo combateria os brasileiros de espírito judeu, mas não os judeus de espírito brasileiro.

Novamente, fica difícil saber a profundidade do sentimento antissemita apenas analisando as obras. Arci Tenório d'Albuquerque, em caso de vitória do nazismo, se tornaria rapidamente um Streicher brasileiro? Todos esses autores que combatiam o “espírito judaico” pensavam realmente isto, ou eram ferozes genocidas a espera do momento justo de deixar cair as máscaras? Difícil saber.

Outros exemplos desse problema poderiam ser elencados. Em 1957, por exemplo, quando o Partido de Representação Popular recebeu o controle do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Plínio Salgado teria facilitado a entrada, no Brasil, de 6 mil judeus que estavam tendo dificuldade para obter vistos (Lima, 1980, p. 89-90). Se isso for verdade, como interpretar? Um sinal de que ele nunca tinha sido mesmo antissemita ou um esforço para esconder seu ódio aos judeus, não mais politicamente aceitável?

Outro exemplo. Em 1936, Salgado publicou, na revista Panorama, um famoso artigo no qual denuncia o antissemitismo:

Não sustentamos preconceitos de raça, pelo contrário, afirmamos ser o povo e a raça brasileiros tão superiores como quaisquer outros. Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos. Como estes não são intransigentes nesse sentido, desejamos que tal inferioridade não subsista nos judeus, porque uma raça inteligente não deve continuar a manter preconceitos bárbaros.



Nessas condições, não podemos querer hoje mal ao judeu, pelo fato de ser o principal detentor do ouro, portanto principal responsável pela balbúrdia econômico-financeira que atormenta os povos, especialmente os semicoloniais como nós, da América do Sul. O judeu-capitalista é igual a um cristão-capitalista; sinais de uma época de democracia liberal. Ambos não terão mais razão de ser porque a humanidade se libertará da escravidão dos juros e do latrocínio do jogo das Bolsas e das manobras banqueiristas. A animosidade contra os judeus é, além do mais, anticristã e, como tal, até condenada pelo próprio catolicismo. A guerra que se fez a esta raça na Alemanha, foi, nos seus exageros, inspirada pelo paganismo e pelo preconceito de raça. O problema do mundo é ético e não étnico.

Qual o significado deste texto? Simples argumentação tática, que escondia profundo antissemitismo, para lutar contra o desafio de Barroso à sua liderança ou conseguir o apoio da comunidade judaica? Ou uma prova de um nível de antissemitismo menos “denso” do que em Barroso e muito menos do que em um Streicher ou um Heydrich?

Como sempre, sem um laboratório que permitisse a realização de experiências em condições controladas, tudo se torna difícil, pois trabalhamos além das fontes e passamos para o mais nebuloso terreno do que estaria, ou não, escondido nas entrelinhas. O problema se repete, ainda uma vez, quando tentamos analisar a questão do antissemitismo como instrumento de disputa pelo poder dentro do integralismo.

A disputa pelo poder entre Salgado e Barroso foi real e ela se expressou em vários momentos e ocasiões. Os dados disponíveis deixam claro como o tema dos judeus e do antissemitismo era utilizado, instrumentalmente, na disputa entre os dois líderes.

Realmente, Salgado se manifestou, como visto acima, contra os excessos antissemitas de Barroso e entrou em polêmicas jornalísticas com esse dentro do próprio movimento. Também impediu Barroso de publicar no A Offensiva por seis meses, em 1936, porque seus textos antissemitas atrapalhavam seu contato com os empresários judeus. Outros relatos dos conflitos e tensões entre os dois sobre esse tópico estão disponíveis (Klein, 2004, p. 43-45; Cytrynowicz, 1992, p. 205-219).

Nos próprios livros de Barroso, nota-se todo um esforço para envolver Plínio no antissemitismo mais explícito. Num livro de 1937, por exemplo, Barroso afirmava que nunca tinha sido antissemita, mas que o integralismo (e Plínio Salgado) o teriam feito abrir os olhos para o problema.

Neste livro, ele afirma categoricamente, no que parece ser uma tentativa de resposta a Salgado e à militância, que o Chefe estaria de acordo com a visão de uma conspiração judaica internacional e que os que nos criticam não estão documentados, nem seguros, nem certos. Estão errados dentro da doutrina e em relação às lições do nosso Chefe. De propósito, somente recorreremos aos textos de Plínio Salgado compendiados em volume. Se quiséssemos respingar nos seus artigos através da “A Offensiva” as claras, desassombradas e claras afirmações contra os judeus, teríamos citações para meia dúzia de páginas. Depois da morte de Caetano Spinelli e Jaime Guimarães, em consequência da emboscada judaico-comunista da Praça da Sé, o Chefe Nacional escreveu um artigo de “guerra aos judeus”. É a palavra de ordem que obedecemos em nossa campanha. (Barroso, 1937a, p. 165)

O grande dilema é entender a dinâmica entre o antissemitismo e a disputa interna pelo poder. Para Maio, Cytrinowicz e Klein, o antissemitismo servia para dar coesão e mobilizar as massas integralistas e, acima de tudo, para a luta interna para o controle do movimento, sendo mais discursivo do que outra coisa. Cytrynowicz (1996) contudo, também observa como, mesmo instrumental, o antissemitismo de Barroso era uma parte tão importante no seu projeto de poder que ele poderia ter levado à perseguição direta do povo judeu, com resultados potencialmente trágicos.

Que o antissemitismo, em algum nível, era usado como arma de Barroso para a conquista de espaço dentro do movimento, é um fato. Aliás, esse uso do antissemitismo como um “diferencial” para mobilizar as massas e garantir apoios na luta pelo poder não foi nada incomum, tendo o fenômeno se reproduzido com Farinacci no fascismo italiano, com Arcand no canadense, etc.

Barroso foi realmente uma liderança alternativa que quase sobrepujou a de Plínio e que mereceria ser investigado nesta ótica, ao invés de, como sempre, como líder antissemita. Uma hipótese é que a disputa entre ambos não tenha sido focada no antissemitismo, mas no privilégio do comando e na estratégia para atingir o poder.

Como chefe das milícias, abertamente mais radical nas suas ideias e menos interessado em compromissos, Barroso pode ter ambicionado a liderança para uma ação direta pelo poder e não era a toa que ele era chamado, por alguns, do Rohm brasileiro, numa alusão ao chefe das SA nazistas. Já que a discussão sobre como atingir o poder foi crucial no integralismo por quase todo o tempo, a hipótese de Barroso capitanear a resistência ao projeto mais legalista de Plínio e utilizar o antissemitismo de forma a ter elementos nessa luta é algo mais do que razoável.

O problema é saber se Barroso usava o antissemitismo de forma completamente instrumental para tentar o comando do movimento e do país ou se queria o poder para dar ao movimento um tom mais antissemita. Só saberíamos a resposta para a questão se Barroso tivesse ascendido ao poder na AIB e no Estado. Como isso não aconteceu, novamente estamos mais no campo das especulações do que nos fatos documentáveis. Saindo do mundo dos líderes e das ideias, podemos afirmar que o ideário antissemita era parte do cotidiano e da socialização ideológica dos integralistas. Conforme o indicado por Cavalari (1999, p. 110), os jornais integralistas publicavam continuamente listas de livros a serem lidos e, entre eles, além dos antissemitas de autoria de Gustavo Barroso, constavam os “Protocolos dos Sábios de Sião”, o famoso texto antissemita de Henry Ford e livros de autoria de nazistas alemães como Gottfried Feder.

Os integralistas também utilizavam termos antissemitas para atacar seus adversários. Eles acrescentavam o nome “Moretzohn” ao de Armando Sales de Oliveira para acusar o liberalismo paulista de “judaico” (Cohen, 1997, p. 264) e antigos integralistas, em seus depoimentos, confirmam que Barroso era muito lido e admirado nas hostes do movimento.

Os integralistas também fizeram, em seus jornais, forte propaganda para impedir a imigração judaica e atacando os judeus por todos os problemas do mundo. Basta recordar, por exemplo, como Gerardo Mello Mourão, em 1937, criticou a imigração de judeus poloneses para o Brasil, pois isso significaria uma obra profilática do governo de Varsóvia, que transferiria o problema da “judiaria” para o Brasil, que deveria recusar esse papel.

Alguns jornais também publicizavam temas e argumentos anti-judaicos e muitos dos livros antissemitas de Barroso começaram como artigos nesse jornal, o que indica

sua difusão e popularidade (Tucci Carneiro, 1998, p. 403-417 e 1996, p. 512). Mesmo em locais isolados como Olímpia (SP), o tema do antissemitismo estava sempre presente, no dia-a-dia das células e dos militantes (Ribeiro 2004).

Nesse contexto, é impossível negar que foram os integralistas os maiores divulgadores do antissemitismo no Brasil dos anos 30. Mesmo hoje em dia, como indicado nos trabalhos de Odilon Caldeira Neto (2011) e Carlos Nóbrega de Jesus (2006), o antissemitismo no estilo de Gustavo Barroso tem utilidade como mobilizador da massa pelos neointegralistas, ainda que, muitas vezes, rearticulado discursivamente em termos de antissionismo.

O grande problema é definir o quanto a questão era realmente central para seus militantes e como motivação de ingresso no movimento. Uma hipótese é que o antissemitismo era forte e muito presente em setores da classe média brasileira, os quais aderiram ao integralismo justamente por ser o primeiro partido a se assumir publicamente como tal. A outra é que as pessoas se aproximavam do integralismo por motivos outros e que recebiam algum nível de doutrinação contra os judeus no mesmo.

É óbvio que nunca saberemos a proporção de pessoas que entraram no integralismo centralmente por motivações antissemitas e nem os que adquiriram sentimentos contra os judeus no movimento. Mas já o livro seminal de Héliog Trindade (1974, p. 146-153) indicava como o antissemitismo era fator secundário como motivação de ingresso dos militantes na AIB e que estes recebiam doses do sentimento dentro do movimento. Ele observava, também, como o antissemitismo, em geral, não era essencial na definição ideológica dos camisas-verdes.

Outro dado nesse sentido é o trabalho de Rodrigo Oliveira (2004, p. 90), no qual ele faz uma amostragem de artigos de jornal publicados em vários jornais integralistas do país entre 1933-1937 em busca dos principais temas e assuntos discutidos. Ainda que com variações regionais e temporais, a temática predominante é a anticomunista e antiliberal, com artigos antissemitas totalizando apenas pouco mais de oito por cento do total. A mesma proporção relativamente baixa de artigos antissemitas foi identificada por Murilo Paschoaletto (2012) no tocante ao A Offensiva. Um sinal, possivelmente, de que o movimento tinha, como é inegável, fortes traços antissemitas, mas que o integralismo não via, no combate ao judaísmo, a sua razão única de existir.

Tendo realmente à conclusão que, no Brasil dos anos 30, havia antissemitismo, mas essencialmente discursivo e em alguns atos do Estado, não sendo um problema para o grosso da população. Bernardo Sorj (1997) fez uma crítica nesse sentido a Tucci Carneiro, contestando a sua visão do antissemitismo como arraigado no Brasil e criticando a extrapolação de alguns atos do Estado ou de escritos de alguns intelectuais para o grosso da sociedade. Tendo a pensar que o mesmo pode ser dito do integralismo como um todo: seu antissemitismo ajudava a mobilizar as pessoas, dava um sentido unificado à sua luta e facilitava os contatos com alguns movimentos fascistas do exterior, especialmente os próximos do nazismo. Mas não era um elemento definidor central na identidade daqueles que dele se aproximavam e nele permaneciam.

Aqui, aliás, revela-se outro grande problema nos estudos sobre o antissemitismo, não só o integralista, que é a dificuldade em reconhecer a imensa gama de posições que existem dentro do termo “antissemita”. Uma coisa é ver nos judeus símbolos dos problemas do mundo e desejar que eles sejam dissolvidos na massa brasileira. Uma bem diferente é pregar que eles sejam fisicamente eliminados. Sem distinções entre as várias maneiras que o antissemitismo pode se expressar, tudo se torna antissemita e o conceito perde o sentido.

Um exemplo deste problema pode ser identificado quando Natália Cruz defende a ideia de que o Integralismo, por suas próprias características ideológicas, precisava de um "outro" para se definir e que, muitas vezes, esse outro foi o judeu. É uma realidade e, aliás, esta busca de um "outro" a se contrapor ao “nós” é um elemento que aproxima o integralismo e o nazismo e que indica como ambos estão realmente dentro da definição mais geral de fascismo. Mas o lidar com o “outro” pode implicar em discriminá-lo, segregá-lo, forçar a sua assimilação ou a sua destruição. Todas estas atitudes são, claro, pouco tolerantes ou democráticas, mas não são a mesma coisa e esquecer isso realmente complica nossa avaliação a respeito dos vários antissemitismos que conviviam dentro da AIB.

Em resumo, problemas conceituais (uma definição mínima do que é ser antissemita e suas gradações) e metodológicos (a diferença entre teoria e prática, entre o escrito e o realmente pensado) tornam o tema do antissemitismo dentro da AIB de difícil avaliação e não creio que um consenso será um dia estabelecido. O fato de esse tema também ter implicações políticas mais do que claras também complica o quadro.

De qualquer forma, talvez uma ou mais pesquisas sobre o contato, real, dos integralistas com a comunidade judaica trouxessem alguma luz sobre a questão. René Gertz (1984, p. 22), por exemplo, afirma que, em alguns núcleos integralistas das cidades de origem alemã de Santa Catarina, haveria uns poucos judeus como filiados. Schweidson (1989, p. 214-219) também escreveu que um tal Heller, judeu rico, teria entrado para a AIB em Joinville, tendo se suicidado quando descoberta a sua origem judia. Dados vagos e pouco consistentes, que deveriam ser verificados e aprofundados.

O mesmo pode ser dito de possíveis choques e conflitos entre integralistas e judeus nas ruas das cidades brasileiras. Schweidson (1989, p. 222-230) afirma que nazistas e integralistas o perseguiram (com boicotes e até um atentado) em Desterro (SC), pelo que ele ajudou a organizar a luta contra eles, participando da fundação da Confederação Israelita Brasileira (CIB), em 1933. A informação, contudo, não tem nenhuma comprovação e Sandra Deutsch (1999, p. 280) afirma que, salvo por um caso isolado, não há nenhum registro de violência integralista contra os judeus.

Os contatos do integralismo com lideranças judaicas também são praticamente desconhecidos. Deutsch (1999, p. 278) escreveu que Plínio teria tentado acordo com a comunidade judaica e Schweidson (1984, p. 234-237) afirma que dinheiro da CIB seguiu para o integralismo, o qual teria aliviado seu antissemitismo por causa disto. Já Lesser (1995, p. 115) confirma o encontro de Plínio Salgado com o rabino Isaiah Raffalovich no Rio de Janeiro em outubro de 1934, quando este teria prometido que os integralistas deixariam os judeus fora do seu programa em troca de apoio financeiro, o qual teria sido concedido. A promessa de Plínio, contudo, não teria sido cumprida. Dados soltos e pouco confiáveis, mas cuja exploração é crucial se queremos acrescentar novas facetas ao relacionamento do integralismo com os judeus e o judaísmo.

Sabemos muito pouco sobre a materialidade do relacionamento entre a comunidade judaica e a AIB e essa é uma lacuna que, se preenchida, nos daria muitos elementos para rediscutir o tema do antissemitismo integralista, o qual, como visto, está sendo estudado, até hoje, mais no plano das ideias do que na sua necessária materialidade.

## Referências

ALBUQUERQUE, Arci Tenório de. **Integralismo, Nazismo e Fascismo: estudos comparativos**. Rio de Janeiro: Minerva, 1937.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo em marcha**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

———. **Brasil. Colônia de Banqueiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

———. **História militar do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

———. **O Quarto Império**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935a.

———. **A palavra e o pensamento integralista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935b.

———. **O Integralismo e o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

———. **O que o integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936a.

———. **Os Protocolos dos sábios de Sião**, 1936b.

———. **Integralismo e Catolicismo**. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

———. **Integralismo, Fascismo, Nazismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937a.

———. **Reflexões de um bode**. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora Limitada, 1937b.

———. **Roosevelt es Judio**. Buenos Aires: La Mazorca, 1938.

CALDEIRA Neto, Odilon. **“Integralismo, neointegralismo e antisemitismo: entre a relativização e o esquecimento”**. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Estadual de Maringá, 2011.

CAVALARI, Rosa Maria Feitero. **Integralismo. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.

COHEN, Ilka. **"Para onde vamos? Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)."** Tese de Doutorado (História), Universidade de São Paulo, 1997.

Coutinho, Amélia. "Gustavo Barroso." In Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro Pós 1930*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001, p. 573-576..

CRUZ, Natália dos Reis. "**O Integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio.**" Tese de Doutorado (História), Universidade Federal Fluminense, 2004.

CYTRYNOWICZ, Roney. "**Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30.**" Dissertação de Mestrado (História), Universidade de São Paulo, 1992.

———. "A América e o anti-semitismo na visão integralista de Gustavo Barroso e de Plínio Salgado." In Novinsky, Anita; Kuperman, Diane. **Ibéria judaica: Roteiros da Memória, 515-525**. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão Editorial/Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DEUTSCH, Sandra Mcgee. **Las Derechas - The Extreme Right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

GERTZ, René. "**O Integralismo em Santa Catarina.**" *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, 5 (1984): 16-28.

GOÉS, Maria da Conceição Pinto. **1933: a imprensa brasileira ante o Fascismo. A tomada do poder na Alemanha**. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1983.

KLEIN, Marcus. **Our Brazil Will Awake! The Ação Integralista Brasileira and the failed quest for a Fascist order in the 1930s**. Amsterdã: Centre for Latin American Research and Documentation, 2004.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica - Imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LIMA, Délcio Monteiro de. **Os Senhores da Direita**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1980.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.



———. “Revisão Editora e o integralismo: anti-semitismo como estratégia de discurso”. In: Silva, Giselda Brito; Gonçalves, Leandro; Parada, Maurício B. Alvarez, **Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo, fascismos**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010, p. 199-218.

MAIO, Marcos Chor. Nem Rotschild nem Trotsky. **O pensamento antisemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

———. "Marcas de uma trajetória: a militância anti-semita de Gustavo Barroso." In NOVINSKY, Anita; Kuperman, Diane. **Ibéria judaica: Roteiros da Memória**. Rio de Janeiro: Expressão Editorial; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 527-539.

MARTINO FILHO, Ferdinando. **Pela Revolução Integralista**. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

RAGO FILHO, Antônio. "A crítica romântica à miséria brasileira. O Integralismo de Gustavo Barroso." Dissertação de Mestrado (História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

REALE, Miguel. **ABC do Integralismo**. São Paulo: Panorama, 1935.

———. **O Capitalismo internacional: Introdução à economia nova**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935a.

———. Memórias 1 - **Destinos Cruzados**. São Paulo: Editora Saraiva, 1986.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. "**Perante o Tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**." Dissertação de Mestrado (História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

PASCHOALETTO, Murilo Antônio. “O Integralismo e o mundo: uma análise da percepção internacional do integralismo a partir do jornal “**A Offensiva**” (1934-1937)”. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Estadual de Maringá, 2012.

RIBEIRO, Ivair Augusto. **"O Integralismo no sertão de São Paulo: um "fascio de intelectuais"."** Dissertação de Mestrado (História), Universidade Estadual Paulista, 2004.

SALGADO, Plínio. **O Estrangeiro**. São Paulo: Hélios, 1926.

SCHWEIDSON, Jacques. **Saga judaica na ilha do Desterro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SORJ, Bernardo. "Sociabilidade brasileira e identidade judaica." In Sorj, Bila. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 9-31.

TRINDADE, Hélios. **Integralismo - o Fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luíza. **O anti-semitismo na Era Vargas - Fantasmas de uma geração (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

———. **"Resenha de Nem Rotschild nem Trotsky, de Marcos Chor Maio."** Herança Judaica, 87 (1993): 43-49.

VENCESLAU JÚNIOR, José. **O Integralismo ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Borsoi, 1935.